

COMPETÊNCIAS IMPORTANTES À ATUAÇÃO DE ENFERMAGEM NA SAÚDE MENTAL

Igor de Freitas (1); Francisco Mairton Rodrigues de Andrade (2); Essyo Pedro Moreira de Lima (3); Michell Ângelo Marques Araújo (4).

(1) *Universidade Federal do Ceará*. E-mail: igordefreitasidf@gmail.com; (2) *Universidade Federal do Ceará*. E-mail: mayrtonr@yahoo.com.br; (3) *Universidade Federal do Ceará*. E-mail: essyopedro-ep@hotmail.com; (4) *Universidade Federal do Ceará*. E-mail: micenf@yahoo.com.br

Resumo do artigo: A atuação do enfermeiro na saúde mental tem sido fator decisivo para a promoção da cidadania desses usuários e para o fortalecimento de uma atenção à saúde desinstitucionalizada, respeitando o paciente na condição de sujeito detentor de valores, crenças, princípios e direitos. Como resposta a uma estrutura hospitalocêntrica, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPSs) surgiram para propor uma atenção à saúde mental que respeitasse e promovesse o vínculo do paciente com a família e comunidade, usando isso como agente para melhor saúde dos indivíduos. Objetivou-se com este estudo identificar as competências mais importantes para atuação de enfermagem na saúde mental. Trata-se de um estudo descritivo, transversal de natureza quantitativa realizado com 33 enfermeiros atuantes em 14 Centros de Atenção Psicossocial de Fortaleza-CE no período de setembro a dezembro de 2016. A realização do estudo seguiu os preceitos éticos para pesquisas com seres humanos, tendo obtido parecer favorável sob número 1.498.082. Quanto aos resultados, 96,9% dos participantes indicaram “Ter postura ética e Inteligência emocional” como competência importante ao enfermeiro de saúde mental, seguida de “Saber lidar com a doença do paciente” (93,9%), “Respeito à cultura e às crenças do paciente” (90,9%), “Orientação sobre o uso de psicofármacos” (90,9%), “Desenvolvimento de relação enfermeiro-paciente eficaz” (87,9%), Criatividade, incentivo e empreendedorismo” (81,8%), “Coordenação ou participação de grupo terapêutico” (81,8%), “Controle e garantia da qualidade dos cuidados de saúde ao paciente” (81,8%), “Realização de visita domiciliar” (78,8%), “Desenvolvimento de liderança, objetividade e clareza” (72,7%), “Coerência, imparcialidade e flexibilidade” (69,7%), “Estímulo ao conhecimento da equipe sob sua supervisão” (69,7%), “Conhecimento da missão e da filosofia institucional” (57,6%), “Planejamento de recursos humanos e materiais” (42,4%), “Habilidade na execução de técnicas de enfermagem” (27,3%) e “Outras”(6%). Os dados expõem a importância dada por profissionais já atuantes na área acerca da necessidade de se trabalhar bem questões referentes ao sofrimento vivenciado diariamente nesses locais. Muitas das vezes há um estímulo maior à quantidade de consultas realizadas do que realmente ao relacionamento terapêutico criado naquele momento, o que pode prejudicar a efetividade do tratamento. Faz-se necessário compreender o usuário em todos os aspectos que remetem a sua existência e a sua humanidade, realizando um cuidado pautado em respeito e holismo, não se preocupando apenas com questões biológicas, mas atentando para uma saúde biopsicossocioespírita e cultural a ser estimulada e promovida nas consultas. Conclui-se que a inteligência emocional deve ser uma característica básica a ser trabalhada pelos enfermeiros de saúde mental de modo a manter não só a qualidade da assistência prestada, mas à saúde do próprio profissional. Outros aspectos que devem ser prioridade na atenção à saúde mental dizem respeito ao conhecimento acerca dos fármacos e patologias comuns à área, o que possibilita uma melhora da qualidade das orientações que esses profissionais fazem em suas consultas.

Palavras-chave: Saúde Mental, Enfermagem Psiquiátrica, Enfermagem, Papel do Profissional de Enfermagem, Padrões de Prática em Enfermagem.

INTRODUÇÃO

O papel do enfermeiro é interagir em indivíduos, de forma que contribua para melhora de seu contexto sociocultural e para sua manutenção ou recuperação da saúde. Sendo essas interações ligadas há um propósito, o profissional deve fazer uso de ações terapêuticas para melhorar, buscar ou facilitar seu bem-estar de modo a respeitar o conceito ampliado de saúde. Este papel está muito presente no ramo da saúde mental, onde o enfermeiro lança mão de diversas ações terapêuticas (ALVES et al, 2015).

A gênese da Enfermagem Psiquiátrica foi marcada pelo modelo repressor, tendo sido, por muito tempo, suas atividades realizadas por sujeitos leigos, serventes dos hospitais e posteriormente por irmãos de caridade. Os maus tratos, a punição e repressão eram os modos de tratamento e cuidado dos então “cuidadores”. Essa prática era conhecida como o modelo “controle, vigilância e punição”.

No Brasil, o panorama da assistência em saúde mental vem passando por grandes transformações. Até o começo da década de 1980, a assistência psiquiátrica era caracterizada pelos 80 mil leitos psiquiátricos espalhados em mais de 500 hospitais públicos e privados, que por muito tempo produziram uma realidade aterrorizante de desassistência. Este contexto começou a transformação a partir das manifestações do Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental, que passaram a denunciara abusos como torturas, fraudes e corrupção.

Com a redemocratização esse movimento passa a incorporar usuários e familiares. Passando a se denominar Movimento da Luta Antimanicomial. Com a lenta progressão da reforma apenas em abril de 2001 com a lei 10.216 que se instituiu a Reforma do Modelo de Assistência em Saúde Mental no Brasil. Prevendo a redução na quantidade de leitos de internação e a criação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Nesse processo é crucial lembrar que a atuação dos enfermeiros e demais profissionais de saúde mental sofreu uma transformação radical (CABRAL et al., 2015).

A Reforma Psiquiátrica preconizou a utilização de diversas tecnologias para a interdisciplinaridade nos serviços de saúde mental, como acolhimento, relacionamento terapêutico, individualização de projetos terapêuticos, envolvimento familiar, entre outros. Tais estratégias exigem uma atualização dos papéis dos profissionais em saúde mental.

Apesar da importância dessas atividades, os profissionais alegam entraves como: cansaço devido à exposição a fatores que testam a resistência física e emocional; baixo investimento nos profissionais e carência de recursos materiais intersetoriais e comunitários

que prejudicam as ações desenvolvidas e qualidade da assistência em saúde (MACEDO et al., 2013).

Ao longo dos anos, este modelo deu espaço a uma nova assistência de enfermagem que atribuía ao papel do enfermeiro como assistente do médico, manutenção das condições higiênicas do paciente. Porém, com o movimento da reforma psiquiátrica se vive um momento de fortes transformações na assistência de enfermagem na saúde mental e o papel do enfermeiro sofreu uma nova transformação, sendo fundamental por sua visão holística e de seu papel nos serviços extra-hospitalares (MUNIZ et al, 2015).

Na Atenção Primária de Saúde é o enfermeiro o responsável pelo atendimento inicial em saúde mental. Dessa forma, é fundamental que os profissionais se aprimorem na prática de trabalhar em equipe multiprofissional e com a família. Além disso, é cobrado o conhecimento sobre os transtornos mentais, uma vez que é neste serviço que os pacientes procuram atendimento inicial. Por isso a necessidade de tais profissionais estarem sempre atualizados sobre transtornos tais como: depressão, esquizofrenia, transtorno de ansiedade, entre outros (SILVA et al, 2015).

Dentre os principais espaços de atuação do enfermeiro em saúde mental têm-se os CAPS. No ano de 2015 a quantidade de CAPS já era de 2.241, presentes em todos os estados. Em comparação, esse número é quatro vezes superior ao que existia em 2002, quando o país possuía apenas 424 centros (BRASIL, 2015).

Dentro do CAPS vemos a importância do trabalho conjunto entre os profissionais enfermeiros, psicólogos, psiquiatras e demais. Porém, muitos apontam a necessidade da delimitação de funções para cada profissão, afirmando que a invasão de espaço de um profissional a outro é fator gerador de conflitos nesse ambiente. Além de ser possível identificar precariedades nos serviços, como o baixo número de profissionais para a grande demanda de usuários (SILVA; FILHO, 2013).

Estudo realizado no Ceará com 39 pacientes com o objetivo de traçar o perfil sociodemográfico e clínico da população dos moradores de hospitais psiquiátricos, revelou que ainda é possível encontrar pessoas em sofrimento mental grave cronicamente, institucionalizados expostos a situações de abandono e perda de identidade. O que é possível identificar através do grande número de pacientes internados em hospitais psiquiátricos que não recebem visitas familiares e possuem informações básicas. Demonstrando a situação de abandono que muitos pacientes sofrem ao terem problemas de ordem mental (MELO et al, 2015).

Considerando o novo panorama de atenção em saúde mental e tendo os CAPSs importante papel na desinstitucionalização e inserção social dos sujeitos, bem como tendo em vista a atuação dos enfermeiros nesses serviços, se estabeleceu a seguinte pergunta norteadora: Que competências os enfermeiros atuantes nos Centros de Atenção Psicossocial de Fortaleza julgam necessárias para a melhor atuação de enfermeiros na área da saúde mental? Pretende-se ao fim deste estudo responder ao questionamento de modo a traçar assim o perfil das competências elencadas.

A relevância desse estudo está pautada na importância de conhecer o perfil e demandas dos enfermeiros que atuam nos CAPS, podendo subsidiar estratégias de qualificação profissional e propor intervenções que concorram para maior satisfação profissional.

METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo do tipo survey exploratório, de delineamento transversal e natureza quantitativa realizado no período de setembro a dezembro de 2016 em 14 Centros de Atenção Psicossocial (CAPSs) localizados na cidade de Fortaleza/CE.

A população do estudo foi selecionada por conveniência, sendo composta por 33 enfermeiros assistenciais atuantes nos referidos Centros participantes da pesquisa, tendo sido adotados para fins de seguimento do estudo os seguintes critérios de inclusão: estar disponível para aplicação do questionário durante o período de coleta de dados, ter vínculo empregatício com a Instituição de saúde com duração de pelo menos meses completos. Foram excluídos docentes que estivessem prestando serviço de acompanhamento de alunos na unidade.

Os profissionais que aceitaram participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido se dando, após essa fase, o início do processo de coleta de dados. Esta ocorreu por meio de questionário autoaplicado que trazia variáveis relacionadas às competências que os profissionais julgavam importantes para atuação enquanto enfermeiros de saúde mental.

Os dados foram analisados a partir do programa *Statistical Package for de Social Science* versão 20.0 e dispostos em tabelas para a melhor visualização. O estudo respeitou os preceitos éticos para pesquisas com seres humanos, tendo obtido parecer favorável pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob número 1.498.082, além de ter sido autorizado pela Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após análise descritiva, os dados foram dispostos em tabela para melhor visualização. As competências são apresentadas a seguir, da mais frequentemente indicada pelos participantes até a menos frequentemente referida.

Os resultados indicaram maior frequência de profissionais que sugeriram a competência “Ter postura ética e inteligência emocional” em seus questionários, com 96,9% (Tabela 1). A questão de inteligência emocional também foi citada diversas vezes durante as entrevistas com os participantes, que referiam cargas horárias extremamente nocivas à saúde, o que naturalmente pode prejudicar a assistências aos pacientes.

Os profissionais também indicavam que as cargas emocionais que recebiam diariamente de seus pacientes exigem contínuo equilíbrio emocional de modo que, caso o enfermeiro não busque cuidar de sua saúde mental, a atuação na Saúde Mental pode prejudicar esse domínio de sua saúde pessoal.

Tabela 1. Competências importantes ao enfermeiro de Saúde Mental. Fortaleza-CE, set-dez, 2016.

Competências importantes ao enfermeiro de saúde mental	N	%
Ter postura ética e inteligência emocional	32	96,9
Saber lidar com a doença do paciente	31	93,9
Respeito à cultura e às crenças do paciente	30	90,9
Orientação sobre o uso de psicofármacos	30	90,9
Desenvolvimento de relação enfermeiro-paciente eficaz	29	87,9
Criatividade, incentivo; empreendedorismo	27	81,8
Coordenação ou participação de grupo terapêutico	27	81,8
Controle e garantia da qualidade dos cuidados de saúde ao paciente	27	81,8
Realização visita domiciliar	26	78,8
Desenvolvimento de liderança, objetividade e clareza	24	72,7
Coerência, imparcialidade e flexibilidade	23	69,7
Estímulo ao conhecimento da equipe sob sua supervisão	23	69,7
Conhecimento da missão e da filosofia institucional	19	57,6

Continua...

Continuação...

Tabela 1. Competências importantes ao enfermeiro de Saúde Mental. Fortaleza-CE, set-dez, 2016.

Competências importantes ao enfermeiro de saúde mental	N	%
Planejamento dos recursos humanos e materiais	14	42,4
Habilidade na execução de técnicas de Enfermagem	9	27,3
Outras	2	6
Total	33	100

Fonte: autoria própria.

De acordo com Ferreira (2015), o serviço de Enfermagem é árduo especialmente por seu contato rotineiro com o sofrimento psíquico, o que corrobora com os resultados do presente estudo e justifica o fato dos participantes da pesquisa terem indicado a inteligência emocional como a mais importante competência necessária aos enfermeiros de saúde mental.

Quanto à ética, evidenciada também na primeira competência, trata-se de uma dimensão que permeia todas as áreas de atuação da Enfermagem e faz-se importantíssima ao trabalho adequado da profissão, o que torna uma competência pouco específica à área da Saúde Mental.

A segunda competência mais referida foi “Saber lidar com a doença do paciente” (93,9%). Nessa competência destaca-se a importância do enfermeiro estar preparado para atuar com a clientela de saúde mental, bem como saber sobre os transtornos mentais e sobre o desenvolvimento de uma relação adequada cliente-profissional, que favoreça o bem-estar biopsicossocioespíritual e cultural do doente. É válido ressaltar que a construção do plano terapêutico adequado não deve estar fixada apenas na doença, mas em uma visão holística de saúde (SORDI *et. al.*, 2015).

As competências “Respeito à cultura e às crenças do paciente” e “Orientação sobre uso de psicofármacos” foram indicadas, cada uma, por 90,9% dos enfermeiros. A primeira fala sobre respeito ao paciente e reforça a ideia de uma prática ética na prática profissional. A segunda traz um ponto importante, que é a medicalização da atenção à Saúde Mental, reforçando que essa ainda é uma prática forte nos dias atuais (BEZERRA *et al*, 2014).

Essa informação demonstra a necessidade que o enfermeiro tem de conhecer as drogas utilizadas, bem como seus possíveis efeitos na qualidade de vida do usuário. Nesse contexto, percebe-se esse profissional como agente promotor do maior empoderamento da família e paciente acerca das medidas terapêuticas utilizadas.

Quanto às competências “Desenvolvimento de relação enfermeiro-paciente eficaz”; “Criatividade, incentivo e empreendedorismo” e “Coordenação ou participação de grupo terapêutico”, houve recorrência de indicações em 87,9%, 81,8% e 81,8% respectivamente. Essas competências se ligam a certo nível. Grupos terapêuticos têm se mostrado importantes instrumentos na construção do vínculo enfermeiro-paciente. Como exemplo é possível citar, Grupos Terapêuticos de Educação em Saúde com foco no enfrentamento ao vício no álcool e outras drogas, esse é capaz de subsidiar o fortalecimento dos usuários no enfrentamento a situações de exposição (VASCONCELOS *et al*, 2013).

Outra competência bastante indicada, com 78,8% dos enfermeiros citando-a, foi “Realização de visita domiciliar”. Vale destacar que a visita domiciliar é uma importante ferramenta na área de saúde mental, pois é uma maneira de aproximar o profissional da família e do paciente, favorecendo o vínculo e o sucesso na terapêutica utilizada (LIMA *et al*, 2016).

Houve menor número de indicações nas competências “Planejamento de recursos humanos e materiais”, indicada por 42,4%; “Conhecimento da missão e da filosofia institucional” 57,6%; “Estímulo ao conhecimento da equipe sob sua supervisão” 69,7% e “Coerência, ser imparcialidade e ser flexibilidade”, com 69,7% de indicações.

A competência menos citada foi “Habilidade na execução de técnicas de enfermagem”, indicada por apenas 27,3% dos entrevistados. Esse pequeno número deve-se às funções que os enfermeiros exercem nos CAPS. Os enfermeiros dessas instituições atuam mais em consultas aos pacientes, coordenando grupos terapêuticos ou fazendo visitas domiciliares, o que de certa forma distancia esse profissional das técnicas de enfermagem, como punção, sonda vesical de demora, banho no leito entre outras.

Apenas dois enfermeiros (6%) sugeririam outras competências que não estavam na lista proposta. As competências sugeridas foram: acolher bem o paciente do serviço; realizar escuta de maneira paciente das necessidades do cliente e cuidado com familiares, devido ao adoecimento familiar que normalmente vem acompanhado ao do paciente (incluindo os familiares em grupos terapêuticos específicos para os mesmos); Capacidade de desenvolver trabalho em equipe multidisciplinar; Ter interdisciplinaridade como princípio norteador do trabalho em saúde mental e Desenvolver ações de prevenção e promoção da saúde mental.

Faz-se relevante observar que as competências citadas giravam em torno do ambiente familiar dos clientes, ou seja, na visão deste enfermeiro, a família deve ser inserida no contexto da saúde do paciente. Uma atividade que vem crescendo e possui essa finalidade é a

visita domiciliar aos usuários em sofrimento mental, sendo de suma importância para essa inserção (LIMA *et al*, 2016).

CONCLUSÃO

A análise dos dados permitiu concluir que, dentre as competências que os enfermeiros elencaram como mais importantes, destaca-se a inteligência emocional e a postura ética em seu serviço. Se tratando da atenção de enfermagem em saúde mental, o desenvolvimento de uma inteligência emocional que consiga separar os sofrimentos pessoais dos sofrimentos trazidos e evidenciados pelos usuários do serviço surge como uma estratégia básica para a manutenção da saúde do profissional.

Os resultados do estudo também evidenciaram maior atenção e relevância às competências relacionadas ao serviço de orientação que esses profissionais prestam, desde o desenvolvimento de um relacionamento terapêutico até um conhecimento adequado acerca dos medicamentos utilizados nas unidades, bem como o devido lidar com as condições de doença dos pacientes.

As questões referentes ao respeito à cultura e crença dos usuários também foram muito referidas no estudo, evidenciando a importância da compreensão do conceito ampliado de saúde nos atendimentos em saúde mental. Para o desempenho adequado, deve-se priorizar o respeito na relação e especialmente o respeito aos valores que os pacientes trazem consigo, visto que essa é a base para um cuidado holístico e psicologicamente favorável.

Apesar de recente, a saúde mental e a atuação de enfermagem nesse setor de saúde têm uma tendência de crescimento, o que constata a necessidade de maior número de estudos que pesquisem acerca dos pontos importantes à atuação e à formação desses profissionais, o que certamente contribuirá para uma assistência à saúde baseada em preceitos atuais por longa data.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. et al. Efeito da Massagem Terapêutica na Saúde Mental das Pessoas com Patologia Oncológica. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Portugal, especial 2, p. 119-122, fev. 2015. Disponível em <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpesm/nspe2/nspe2a20.pdf>> Acesso em: 14 de set de 2016.

BEZERRA, I. C. et al. “Fui lá no posto e o doutor me mandou foi pra cá”: processo de medicamentação e (des)caminhos para o cuidado em saúde mental na Atenção Primária.

Interface - Comunicação, Saúde, Educação, São Paulo, v. 18, n. 48, p. 61-74, 2014.
Disponível em < http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9300/1/2014_art_%20apsgondim.pdf
> Acesso em: 14 de set de 2016.

BRASIL. Portal Brasil. 2015. **Governo destina R\$ 36,4 mi para ações na área de saúde mental em 20 Estados**. Disponível em < <http://www.brasil.gov.br/saude/2015/10/governo-destina-r-36-4-mi-para-a-saude-mental-em-20-estados>>. Acesso em: 7 de junho de 2016.

CABRAL, S. A. A. O. et al. A política Antimanicomial e a reforma psiquiátrica no contexto da saúde pública: uma revisão de literatura. **INTESA**, Paraíba, v. 9, n. 1, p. 85-90, jan. - jun. 2015. Disponível em: < <http://gvaa.org.br/revista/index.php/INTESA/article/view/3302/pdf-67> >. Acesso em: 16 nov. 2015.

FERREIRA, R. G. “Duras Tecnologias Leves” Nas Ações da Enfermagem em Saúde Mental: Ferramentas ao Subsídio da Prática. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, Paraná, v. 7, n. 4, p. 66-77, jan-dez. 2015. Disponível em < <http://grupouninter.com.br/web/revistasaude/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/370/272> > Acesso em: 12 de set de 2016.

LIMA, G. Z. et al. Percepção de acadêmicos de enfermagem sobre o cuidado em saúde mental em domicílio: uma abordagem qualitativa. **Revista de Pesquisa. Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 4255-4268, abr-jun. 2016. Disponível em < http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4310/pdf_1868 > Acesso em: 14 de set de 2016.

MACEDO, J. Q. et al. Práticas em serviço de saúde mental: interface com a satisfação profissional. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 4, p. 999-1006, Out – Dez. 2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072013000400016 > Acesso em 04 abr. 2016.

MELO, M. C. A. et al. Perfil clínico e psicossocial dos moradores em hospitais psiquiátricos no estado do Ceará, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 343-352, Fev. 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000200343 > Acesso em 04 abr. 2016.

MUNIZ, M. et al. A Assistência de Enfermagem em Tempos de Reforma Psiquiátrica. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Portugal, n.13, p. 61-65, jun. 2015. Disponível em < <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpesm/n13/n13a08.pdf> > Acesso em: 12 de set de 2016.

SILVA, A. P. M. et al. Saúde mental no trabalho do Enfermeiro da Atenção Primária de um município no Brasil. **Revista Cubana de Enfermería**, Cuba, v. 31, n. 1, 2015. Disponível em < <http://www.revenfermeria.sld.cu/index.php/enf/article/view/626/117>>. Acesso em: 14 de set de 2016.

SILVA, J. C. B.; FILHO, P. O. Produções discursivas sobre o trabalho em equipe no contexto da reforma psiquiátrica: um estudo com trabalhadores de Centros de Atenção Psicossocial. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 30, n. 4, p. 609-617, out - dez 2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2013000400014>Acesso em 04 abr. 2016.

SORDI, L. et al. Comorbidades em Usuários de um Serviço de Saúde Mental. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Portugal, especial 2, p. 89-94, fev. 2015. Disponível em < <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpesm/nspe2/nspe2a15.pdf> > Acesso em: 14 de set de 2016.

VASCONCELOS, S. C. et al. Demandas de autocuidado em grupo terapêutico: Educação em saúde com usuários de substâncias psicoativas. **Rev. enferm.** Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 79-83, jan-mar. 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/7840/1/2013_art_emlmmonteiro2.pdf> Acesso em: 07 de dez. de 2015.

